

“FORÇA É MUDARES DE VIDA”: UM GIRO ÉTICO-POLÍTICO E HERMENÊUTICO PARA HISTORIOGRAFIA

“FORCE IS LIFE CHANGE”: AN ETHICAL-POLITICAL AND HERMENEUTIC TURN TO HISTORIOGRAPHY

HENRIQUE MELATI PACHECO³⁶¹



Resumo

Seguindo as questões: o que significa uma ética hermenêutica gadameriana? Como situar os estudos históricos disciplinares, a “historiografia”, no giro ético-político e hermenêutico das humanidades contemporâneas? O objetivo deste texto é buscar responder quais as implicações de uma ética hermenêutica para historiografia. Ele parte de um panorama do “estado da arte” dos recentes “giros” da historiografia ocidental, sobretudo da teoria da história contemporânea, e segue até uma discussão crítica e disciplinar da História enquanto exercício ético hermenêutico. Para que cheguemos a uma discussão epistemológica sobre a ética hermenêutica e a historiografia, propomos uma apresentação da obra do filósofo Hans-Georg Gadamer (1900-2002), a sua contribuição para uma abordagem compreensiva à história, e a sua leitura do diálogo platônico Filebo. Finalizamos o texto demonstrando possíveis abordagens éticas hermenêuticas à história, como é o caso de trabalhos que unem pesquisa documental, teoria e ensino de história.

Palavras-chave: giro ético-político; Hans-Georg Gadamer; historiografia.

Abstract

Following the questions: what does a Gadamerian hermeneutic ethics mean? How to place disciplinary historical studies, the “historiography”, in the ethical-political and hermeneutic turn of contemporary humanities? The goal of this text is to try an answer to the question: what are the implications of a hermeneutic ethics for historiography. It starts from an overview of the “state of the art” of Western historiography, especially the theory of contemporary history, and goes on to a critical and disciplinary discussion of History as an ethical hermeneutic exercise. Aiming to produce an epistemological discussion about hermeneutic ethics and historiography, we propose a presentation of the work of the philosopher Hans-Georg Gadamer (1900-2002), his contribution to a comprehensive approach to history, and his reading of the Platonic dialogue Philebus. We end the text by demonstrating possible hermeneutic ethical approaches to history, as is the case of works that combine documentary research, theory and history teaching.

Keywords: ethical-political turn; Hans-Georg Gadamer; Historiography.

³⁶¹ Mestrando em História – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bolsista CNPq Brasil. contatomelati@live.com



Introdução

Não seria característico da teoria e da historiografia o questionamento dos pressupostos éticos que perpassam as configurações dos domínios de natureza disciplinar e suas vinculações com modos de apropriação e de apossamento, ou seja, com a possível (re)produção de formas determinadas de relação com o outro? (MARCELINO, 2021, p. 47).

Ética, História, historiografia, hermenêutica, teoria da história, ensino de história, filosofia (crítica ou especulativa) da história, didática da história, epistemologia da história... Por quais palavras chamar o pensamento efetual, inquisitivo ético-político e socrático-hermenêutico gadameriano, aplicado a historiografia?

Em 2005, o historiador François Hartog (2011) escreveu sobre o fenômeno euro-americano acadêmico disciplinar da emergência dos estudos de história da historiografia, ou epistemologia da história. No contexto pós-(ou)industrial mundializado da produção intelectual/teórica da moderna disciplina da história, organizada em universidades e programas de pesquisa pelas classes nacionais/transnacionais dos/as historiadores/as, “será que se passou do historiador” e da historiadora “que se reivindica ‘artes[ã], em sua oficina, para o historiador [e a historiadora] que deixa de ter medo de se assumir como ‘epistemólogo’” e epistemóloga da história? (HARTOG, 2011, p. 246). A história da historiografia ou epistemologia da história, de acordo com Hartog (2011, p. 247), se define primeiramente como “uma postura [investigativa] reflexiva: [que se preocupa] não só [com] a elaboração do questionário” de pesquisa em trabalhos de história, “mas [com] a maneira como [o questionário investigativo] foi elaborado, sua confecção e os pressupostos que os organiza” (HARTOG, 2011, p. 247). Uma escrita sobre a escrita e a montagem da história. Como escreveu o historiador Hayden White (2010), a história da historiografia, metahistória, ou epistemologia da história, é como um documentário sobre os bastidores de um grande filme: um *making off* textualista sobre a escrita da escrita da história. Já os trabalhos de história aplicada (história social, história econômica, cultural etc.) seguindo a analogia de White (2010), performam com efeitos visuais de verdade, realidade e objetividade, a elaboração de um grande romance histórico do gênero realista. Entre a epistemologia e a teoria, a ética hermenêutica, enquanto tradição de pensamento autocompreensiva, autotransformativa e filosófica, encontra espaços na tradição disciplinar de história da historiografia? Quais os caminhos possíveis e viáveis de apreensão de uma ética-política e hermenêutica a historiografia? A estratégia que utilizamos, quase como uma promessa/aposta, é a de aproximar as áreas da ética



hermenêutica e da história da historiografia, e apresentar uma possibilidade de abordagem ética-hermenêutica de trabalho para história. Porém, contemporaneamente, por que é importante falar de hermenêutica e historiografia?

Na leitura do historiador François Dosse (2018), nas últimas décadas as ciências humanas euro-americanas passaram por um momento de “humanização”, uma guinada “pragmática”, e constituem atualmente um “Império do Sentido”. Isto, pois, as ciências humanas contemporâneas são atravessadas por um “horizonte hermenêutico”, pela “transdisciplinaridade/interdisciplinaridade”, pelos desafios das neurociências, da biologia molecular, dos debates sobre os “pós/não/além-de-humanos”, pelos caminhos metódicos das “redes sociais/naturais/discursivas/etc.”, e pelas “relações pacificadas entre a filosofia e as ciências humanas” (DOSSE, 2018). A ideia de um giro ético-político e hermenêutico para historiografia, como o Império do Sentido das ciências humanas tecido por Dose (2018), parte da constatação de que a atual produção de saberes nas humanidades ocorre “como um processo complementar de tradução e de interpretação que concede ao presente uma prevalência” (DOSSE, 2018, p. 18). Assim, a condição ética-política e hermenêutica “fundada na pesquisa do sentido do agir humano em todas as dimensões pode responder às interpelações urgentes de nossa atualidade” (DOSSE, 2018, p. 18). No caminho que propomos neste texto, a ética-hermenêutica se mantém próxima dos olhares do ensino de história, da teoria da história, e da história da historiografia, ou epistemologia da história. Mas, antes, como situar a historiografia na condição ética-hermenêutica? Ou melhor, o que é o giro ético-político e hermenêutico, e como a historiografia pode reagir a ele?

Como no antigo jogo de rodar pião, no qual se puxa uma corda enrolada em um objeto afunilado, a moderna disciplina da história ocidental já passou por diversos “giros”. E, em meio aos “giros”, impulsionados, algumas vezes, por potentes movimentos políticos e sociais, a história já mudou de jogos muitas vezes. Jogos de queimada, na exclusão de passados não-ocidentais e tradicionais pela historiografia moderna oitocentista; de amarelinha, ao construir formulações gerais e “leis” com base em testes de causa e efeito; de detetive, atrás de pistas e sinais para reconstituição de “verdades” de arquivo; de bate-mão, na construção folheada das substâncias e presenças narrativas da historiografia anti-fundacionalista. Do “giro linguístico” ao “giro arquivístico”,



“feminista” e “decolonial”, fala-se hoje de um “giro ético-político” para historiografia.³⁶² Este texto se situa no contexto do giro ético-político da teoria e filosofia da história, e propõe uma abordagem ética hermenêutica historiográfica.³⁶³ Começamos, no entanto, situando nosso estudo na longa história da historiografia ocidental, no contexto dos recentes “giros” da moderna historiografia contemporânea.

Ao pensarmos nos “giros” da historiografia, optamos por enredar nosso estudo no panorama de olhares/teorias do período da moderna disciplina acadêmica ocidental: os estudos de história produzidos nas universidades euro-americanas do início do século XX. Os gregos Heródoto e Tucídides, supostos pais da História, também refletiram sobre os seus textos/trabalhos, e até mesmo sobre o ofício de historiador antigo (HARTOG, 2011). Os historicistas alemães setecentistas e oitocentistas também foram especialistas na produção de histórias reflexivas, ou *Historik* (KOSSELECK, 2006). Porém, os saberes acadêmicos do ocidente da modernização do início do século XX, período de guerras e pós-guerras “mundiais”, foi o que formulou a contemporânea área das humanidades, e a moderna disciplina profissional da história. No início do século XX, a recente disciplina da história (instituída entre os sécs. XVIII e XIX na Europa) começava a questionar (de forma sistemática e disciplinar) seus pressupostos.³⁶⁴ Como um olhar-se no espelho, a história desenvolvia suas primeiras teorias disciplinares. A palavra teoria, do grego antigo *θεωρέω*, significa aquele que “olha”, “através de”, “contempla” e atinge a “introspecção”. Ao adquirir teoria, pois, a disciplina moderna da história desenvolvia visões próprias sobre o seu “fazer-se”. E, foi justamente sobre o manejo e o fazer da história disciplinar (os métodos e ofícios do “conhecimento histórico”) que se centraram as primeiras produções teóricas da historiografia acadêmica do século XX, como no caso dos trabalhos de Marc Bloch (2001), Charles Beard (2013) e Carl Becker (2013).

Algumas décadas depois da instituição disciplinar euro-americana da história acadêmica moderna (entre 1900-1930), de acordo com o historiador Frank Ankersmit

³⁶² Sobre o giro linguístico e a historiografia, ver: Spiegel (2005). Sobre o giro arquivístico na disciplina história: Heymann; Nedel (2018) e Alves (2019). Sobre os giros feministas e decoloniais, ver: Holanda (2020). Sobre o giro ético-político na historiografia, ver: Rangel; Araujo (2015), Rangel (2019) e Voigt (2015).

³⁶³ Este texto foi originalmente escrito para disciplina “Fenomenologia e Hermenêutica: Ética Dialética no Filebo; Hermenêutica Filosófica entre o Conhecimento e o Prazer”, ministrada em 2021/2, pelo Prof. Dr. Luiz Rohden no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS.

³⁶⁴ Sobre a disciplinarização europeia da história, ver: Kosseleck (2006) e Martins [org.] (2010). Ver ainda, sobre a escola histórica alemã: Gervinus (2010), Chladenius (2013) e Berneheim (2021); sobre a escola metódica francesa: Langlois; Seignobos (2017).



(2004, p. 15), “de 1950 a 1960, a filosofia [e teoria] da história preferiu se dedicar aos elementos do texto histórico como declarações singulares acerca de situações históricas”, como nos textos de Karl Hempel (1995) e Edward H. Carr (1981), que se preocuparam com “declarações que expressam conexões [e modelos] causais, ou a perspectiva temporal [e progressiva marxista/*whig*] das declarações sobre o passado”. Contra esta tendência investigativa da filosofia e teoria da história, Frank Ankersmit (2004) delineou um programa investigativo do texto histórico como um todo, abordando as condições textuais e narrativas da história. Caminhando semelhante seguiram os historiadores “pós-modernos”: Hayden White (1991), Alun Munslow (2009), Keith Jenkins (2014) e o filósofo Paul Ricoeur (2010).

Entre as décadas de 1970 e 1990, portanto, ocorreu na filosofia e teoria da história o que se convencionou chamar de “giro linguístico”. E, é a partir das contribuições desse movimento que surgiu recentemente uma demanda ética-política na historiografia. De acordo com os historiadores Marcello Rangel e Valdeci Araujo,

As reflexões e compreensões disponibilizadas a partir do giro linguístico apontam para a constituição de um horizonte comum no interior da teoria e da história da historiografia contemporâneas, a saber: (1) o sujeito do conhecimento não pode produzir enunciados privilegiados em relação à realidade, a despeito das teorias e métodos em questão e (2) a historiografia possui uma determinação específica, a de pensar e/ou intervir no mundo que é o seu (ARAUJO; RANGEL, 2015, p. 328).

As teorias da linguagem, do texto e da literatura contribuíram na expansão da compreensão teórica da história, e na mudança na profissão do/a historiador/a moderno/a, que acabou abalada em seus interesses de objetividade, neutralidade e fidelidade ao passado. Assim, o “giro linguístico” abriu caminhos inesperados para teoria e filosofia da história: o retorno aos conceitos de presença, experiência e representação e a reaproximação com as ciências naturais e exatas (*hard sciences*), por exemplo. (KUKKANNEN org., 2021) Daí surgiu a questão mobilizadora de um novo movimento historiográfico (o giro ético-político): “por que o historiador” ou a historiadora “deveria continuar investigando o passado se seus enunciados estariam muito mais relacionados ao seu mundo, história, corpo/desejo etc., do que ao seu objeto” de pesquisa? (RANGEL, 2019, p. 31-32). Pergunta que exige um repensar sobre a própria constituição disciplinar da história, e um novo olhar ético e político para o passado. “E, aqui, ‘ética’ significa pensar seu mundo e ‘política’, algo como uma intervenção mais imediata e proativa” na realidade social contemporânea (ARAUJO; RANGEL, 2015, p. 328).



Ethos (ἦθος), originalmente uma palavra grega que significou “lugar acostumado”, “morada”, passou a significar, na tradição ocidental, a forma corriqueira de agir e ser do homem, “caráter”, “disposição nobre”. *Ethos* também possui raízes em palavras como *areté*, que significa “virtude”. Aqui, significamos ética (e política) como uma teoria humana sobre aquilo que é humano.³⁶⁵ Assim, em um novo giro disciplinar da história, política e ética se misturam, e a preocupação com o pensar e agir humano se impõe em conjunto de novas reflexões sobre os papéis e funções de historiadores e historiadoras no tempo contemporâneo.³⁶⁶

Neste texto argumentamos em favor de um giro ético-político e hermenêutico para historiografia, pois, a ética hermenêutica gadameriana revela que qualquer exercício interpretativo e compreensivo implica uma mudança (autotransformativa, autocompreensiva e filosófica); não se sai ileso da leitura e interpretação de textos e presenças ausentes do passado.³⁶⁷ Para pensarmos na implicação de uma ética-hermenêutica à historiografia, abaixo apresentamos a abordagem compreensiva gadameriana da história. Depois, para desvelarmos a ética hermenêutica, apresentamos uma leitura da leitura gadameriana do diálogo Filebo de Platão. Por fim, demonstramos possíveis abordagens éticas hermenêuticas à história, como é o caso de nossos recentes trabalhos de história, que unem pesquisa documental, teoria e ensino de história/ciências humanas (PACHECO; HAACK; MOREIRA, 2020), (PACHECO, 2022).

Hans Georg Gadamer e a Compreensão da história

Ser histórico quer dizer não se esgotar nunca no saber-se (GADAMER, 1997, p. 451).

³⁶⁵ De acordo com o filósofo Dennis Schimidt (2010, p. 40), “a palavra *ethos* tem seu sentido original em Homero como o lugar onde um animal vive; o lugar a que pertence e que define sua natureza de alguma maneira crucial”.

³⁶⁶ Para Marcello Rangel (2019), o giro ético-político foi uma resposta a crise vivenciada pela historiografia ocidental do séc. XX. Crise que seguiu as duas grandes guerras, as guerras e libertações coloniais, as ditaduras civis-militares do cone Sul da América Latina etc. Assim, após o fim das grandes narrativas e ideologias do progresso, passado o turbilhão linguístico e suas desconstruções, o giro ético-político se impõe; impulsionado, certamente, pelas demandas acadêmicas por histórias públicas e envolvidas com o contemporâneo. Ver: Alves (2019), Malerba (2018) etc.

³⁶⁷ Sobre a ética hermenêutica gadameriana, ver: Schimidt (2008), Pereira (2015), Rohden (2016) e Perine (2020).



A hermenêutica [gadameriana] não consiste, portanto, em nossa habilidade em ler um texto, mas na eficácia do texto em nos ler, em abrir o intérprete para a sua própria finitude (CALDAS, 2010, p. 63).

O “historiador gadameriano”, por assim dizer, não é alguém que domina uma metodologia apenas, mas um homem fundamentalmente ligado às questões de seu mundo e à atuação em seu tempo (PEREIRA, 2004, p. 33).

Hans-Georg Gadamer (1900-2002) dedicou a sua vida à tarefa hermenêutica, deu-lhe estatuto filosófico-ontológico, e ampliou o fenômeno da compreensão até tornar-lhe uma estrutura da existência humana (GADAMER, 1997) (ROHDEN org., 2012). Compreender, de acordo com Gadamer (1997), não faz parte de um método cientificista, mas da própria condição do “ser-aí” humano, ou não-humano/naturais/além-de-humanos. Por conta disso, podemos, através de uma breve análise da compreensão gadameriana, nos encaminhar para uma ética-hermenêutica à historiografia.

Compreensão, em Gadamer, é tudo o que excede e precede a metodologia e a objetificação científica.³⁶⁸ E, de acordo com Gadamer (1997), o fenômeno compreensivo, mais do que a análise documental, por exemplo, tem valor de verdade e prova (verificabilidade). A compreensão, assim, desvela

O modo como vivenciamos uns aos outros, como vivenciamos as **tradições históricas**, as ocorrências naturais de nossa existência e do nosso mundo, é isso que forma um **universo verdadeiramente hermenêutico**, no qual não estamos encerrados como entre barreiras intransponíveis, mas **para o qual estamos abertos** (GADAMER, 1997, p. 35) (grifos nossos).

Uma necessária abertura hermenêutica à compreensão, pois, as ciências do espírito ou humanas não se completam por meio de métodos indutivos das ciências da natureza. As humanidades são inexatas, opacas, não trabalham apenas com regularidades, causas e determinações últimas, isto, pois, “o conhecimento histórico”, por exemplo, “não aspira [...] a abranger o fenômeno concreto como no caso de uma regra geral [...] seu ideal é compreender o próprio fenômeno na sua concreção singular e histórica” (GADAMER,

³⁶⁸ A historiadora Norma Cortes (2006, p. 276) escreveu que “embora recusasse atribuir estatuto científico metódico à compreensão hermenêutica, Gadamer não se aproximou de qualquer forma de anarquismo metodológico. Antes, o fundamento dessa recusa repousa sobre um postulado de matriz historicista e fenomenológica que inscreve o fenômeno da compreensão no mundo da vida e nas experiências ordinárias que os homens normalmente travam entre si”. Ou seja, “nossos esforços compreensivos não se estabelecem ou são fundados pela contemplação teórica, mas estão já e sempre dados como gestos mundanos (entenda-se: ordinários, comuns, cotidianos) do ser-no-mundo” (CÔRTEZ, 2006, p. 276).





1997, p. 41). O que não serve para estabelecer uma plena distinção entre ciências do espírito, humanas ou inexatas e ciências da natureza, exatas. Ao contrário, todas as ciências compartilham (mesmo que em diferentes proporções) do acontecimento humano da compreensão.³⁶⁹

“O compreender é compreender-se”, escreveu Gadamer (1997, p. 394). Ao ler um texto, ouvir uma música, dialogar com uma pessoa, fruir da arte, “a gente tem de se haver com isso” (GADAMER, 1997, p. 394).³⁷⁰ Assim, “aquele que ‘compreende’ [...] não somente projetou-se a si mesmo a um sentido, compreendendo – no esforço do compreender – mas que a compreensão alcançada representa o estado de uma nova liberdade espiritual” (GADAMER, 1997, p. 394). O que envolve a união dos saberes práticos com teóricos. Afinal, em Gadamer, “não se pode separar o ‘ser ético’ do ‘saber ético’. Da mesma forma, não pode haver separação entre ‘ser histórico’ e ‘saber histórico’” (PEREIRA, 2004, p. 25) Isto, pois, “ao conhecer sua história, o historiador também se realiza como ser histórico” (PEREIRA, 2004, p. 25). E atinge, assim, a compreensão. A postura prudente da ética socrática-hermenêutica, que se vincula com a vida e a indistinção do ser/saber histórico, é capaz de aproximar os campos da produção teórica disciplinar da história, por exemplo, com o que se produz nos campos do ensino de história e outras disciplinas humanas e transdisciplinares.

³⁶⁹ De acordo com a historiadora Laura Pereira (2004, p. 25), “a hermenêutica de Gadamer é o reconhecimento do homem como ser histórico que compreende o mundo a partir de sua historicidade. É por isso que pode pensar numa unificação das hermenêuticas. No iluminismo, a hermenêutica das ciências humanas se separou das demais (filológica, jurídica, teológica) para se tornar um método científico. Gadamer propõe sua reunificação a um conjunto geral, a hermenêutica histórica ou filosófica”. O que possibilita pensarmos nas aplicações e implicações da hermenêutica compreensiva gadameriana em outras ciências, tidas como exatas.

³⁷⁰ A compreensão (*verstehen*) gadameriana respeita as origens etimológicas da palavra alemã. No contexto jurídico, *verstehen* assume o sentido de representar alguém, uma causa, instituição etc. E, “o caso” de que o termo se aplica “ao espiritual [as humanidades] se explica [...] por que a representação de uma causa num julgamento implica que seja compreendida, isto é, que seja dominada até o ponto em que possamos [...] fazer valer o próprio direito” (GADAMER, 1997, p. 394). Compreender, portanto, é também tomar partido, posicionar-se, é um comprometimento com a justiça e com a verdade, o que faz pontes sólidas entre a tradição jurídica e humana, unidas pelo diálogo, pela dialogicidade dialética e compreensiva da hermenêutica. O verbo *verstehen* (compreender), de acordo com Gadamer (2003, p. 40), carrega dois sentidos: primeiro, o sentido de compreender algo. Depois, o sentido de ser entendido/compreendido em algo. Além do sentido de inteligência “compreender algo”, *verstehen* também significa “um ‘saber-fazer’, um ‘poder’, uma ‘capacidade para’ desempenhar uma tarefa no nível prático” (GADAMER, 2003, p. 41). Assim, “todas as compreensões se reduzem [...] ao nó comum de um ‘eu sei como me ocupar’, isto é, a uma compreensão de si em relação a alguma outra coisa” (GADAMER, 2003, p. 41). E, “a história lexicológica da palavra alemã *verstehen* confirma esse resultado. [...] ‘compreender uma causa’ no sentido de “defender uma causa perante o tribunal” (GADAMER, 2003, p. 41).



A compreensão gadameriana à historiografia, na nossa leitura de Gadamer (1997), parte da própria vastidão do fenômeno (e conceito) humano da compreensão.³⁷¹ Assumindo o conceito de compreensão como uma chave-interpretativa à ciência histórica, deve-se, de acordo com Gadamer (1997), atentar para os conceitos de “aplicação”, “prejuízos” ou “preconceitos” e “tradição” (GADAMER, 1997). Conceitos correlatos a compreensão, e que nos vinculam ao passado presente, do qual nunca nos ausentamos. A história metódica ou historista do séc. XIX (imagem e semelhança da moderna historiografia acadêmica e profissional) por vezes buscou apagar e superar a tradição e os prejuízos, seguindo os sentidos negativos atrelados a essas palavras. Porém, como destacou Gadamer (1997, p. 474), “o efeito da tradição que sobrevive, e o efeito da investigação histórica formam uma unidade de efeito, cuja análise só poderia encontrar uma trama de efeitos recíprocos” (GADAMER, 1997, p. 424). Assim, surge a “história efetual”, uma história da história, por exemplo, que não exclui as ideias furadas, as teorias passadas, e a própria historicidade da construção metódica, investigativa e disciplinar da história. A história efetual pensa a história e a sua própria história, como uma moeda de dois lados. O caráter efetual da história deve “mostrar na própria compreensão a realidade da história” (GADAMER, 1997, p. 448).³⁷²

Uma abordagem compreensiva à história, portanto, deve encaminhar reflexões efetuais e práticas. A história efetual gadameriana, contudo, não é novidade.

É, na realidade, uma exigência nova o fato de precisar sempre de novo de um tal questionamento da história efetual, sempre que uma obra ou uma tradição tiver de sair do lusco-fusco constituído de tradição e historiografia para o claro

³⁷¹É importante frisar como ocorre, em Gadamer (1997), uma distinção entre o conceito de compreensão quase-teológico adotado pela escola histórica alemã (Ranke, Droysen etc), e o conceito de compreensão ético-hermenêutico e secular adotado pelo autor. Ver a segunda parte de Verdade e Método (GADAMER, 1997, p. 273- 544).

³⁷²De acordo com Frank Ankersmit (2004, p. 425), “com el concepto de la ‘historia efectiva’ [efetual] (*wirkungsgeschichte*), Gadamer emprendió un impresionante intento de resolver las aporias del historismo y de continuar hacia una hermenéutica historia em la que se superen las proclividades transcendentalistas [do eu neutro e transhistórico] del historismo tradicional”. Porém, Ankersmit (2004, p. 428) argumenta que “dar un contenido a la noción de *wirkungsgeschichte* es como el intento de saltar sobre la propia sombra [do saber historiográfico]. Por qué parar em la *wirkungsgeschichte* y por qué no debemos historizar la *wirkungsgeschichte* misma (y así indefinidamente)? Assim, diferente da história efetual gadameriana, que é localizável em uma dada tradição, em um dado horizonte de fusão, a história efetual de Ankersmit é um movimento sem começo e fim definidos. Ao invés de fusão de horizontes, a história efetual de Ankersmit (2004) é um vertigem ilimitado, que leva o/a historiador/a ao encontro do relativismo historista “pós-moderno”. Contra a leitura gadameriana de Ankersmit (2004), podemos citar o historiador Reinhard Kossaleck (1997, p. 68): “la comprensión para Gadamer está ligada retrospectivamente [zurückgebunden] a la historia efectual [*Wirkungsgeschichte*], cuyos orígenes no se pueden calcular diacrónicamente, y cuyo punto central consiste en que sólo se puede experimentar en el propio tiempo de cada uno”. Ou seja, muito menos localizável e objetiva – pertencente a uma dada tradição, a história efetual gadameriana se vincula aos projetos existências do “ser aí” humano, que é em cada caso único e irrepetível.



e aberto de seu real significado – exigência feita não à investigação, mas à consciência metódica da mesma (GADAMER, 1997, p. 449).

Algo como uma desnaturalização do que é dado e óbvio na disciplina história. A compreensão gadameriana e sua subsequente história efetual segue o caminho de um diálogo com a tradição, do reconhecimento e aceitação dos prejuízos, bem como elaborações da distância e do reconhecimento do processo de canonização da disciplina da história, por meio da aplicação de uma fusão de horizontes. Por isso a importância de se atentar para o caráter efetivo e afetivo, efetual da história. Afinal, “os efeitos da história efetual operam em toda compreensão, esteja ou não consciente disso” (GADAMER, 1997, p. 450).

Quase ao fim de nosso desvio gadameriano, surge a ideia de que a compreensão, como abordagem à historiografia, é a aplicação de uma fusão horizontica entre uma tradição e uma contemporaneidade. O “compreender [histórico] é então um caso especial de aplicação de algo geral [a tradição que une passado/objeto e sujeito] a uma situação concreta e particular [a investigação histórica na contemporaneidade]” (GADAMER, 1997, p. 465). Assim, tal qual a história, a compreensão gadameriana na historiografia deve recorrer à outra ciência do particular: a ética. Como ciência inexata, pois situacional, que constrói para si um campo particular, a ética aloca o método no campo da moral. Recoloca, no caso da historiografia contemporânea, o historiador a e a historiadora no mundo da vida, em suas próprias historicidades. Assim, contra o “enorme alheamento que caracteriza [...] a historiografia do século XIX, em razão do método objetificador da ciência moderna”, o saber prático ou a prudência (*phronesis*) da ética aristotélica se impõe (GADAMER, 1997, p. 468). Ou seja, a prudência (*phronesis*) do/a historiador/a, como dos humanos em geral, já está sempre presente em momentos de escolha, de ação. Também no fazer historiográfico, em que os objetos da compreensão “não são eventos, mas sim seu ‘significado’” para o presente (GADAMER, 1997, p. 488). O método e o fazer da história, portanto, não estarão descritos corretamente “se se fala de um objeto em si e de uma aproximação do sujeito a ele”, pois, “em toda compreensão histórica sempre já está implícito que a tradição que nos chega fala sempre ao presente e tem de ser compreendida nessa mediação” (GADAMER, 1997, p. 488). E, para que ocorra a compreensão mediada pela mistura de horizontes de tradições e contemporaneidades, deve-se apelar para uma dialética ou lógica do diálogo, que valorize as perguntas. Assim,



é no fundo da consciência histórica efetual, em nossa abertura para a mudança de “nós-mesmos”, que se encontra a pergunta.

“Para perguntar, temos que querer saber, isto é, saber que não se sabe” (GADAMER, 1997, p. 535). O que nos leva ao encontro de antigos pensamentos e pensadores. Como é o caso do diálogo platônico tardio “Filebo”, com o qual trabalharemos abaixo.

Filebo historiador: ética socrático-platônica e hermenêutica

A preocupação com a ética foi um projeto para toda a vida de Gadamer (SCHIMIDT In: SCHIMIDT; SHANON, 2008, p. 37).

Sócrates aborda seus interlocutores com um imperativo ético [hermenêutico] exigindo, como o Torso de Apolo no poema de Rilke, que "deves alterar tua vida" (GJEDAL In: MACHAMER; WOLTERS, 2010, p. 75).

A indagação sobre o bem no fazer e ser do homem encontra o *Dasein* [ser-aí] humano sempre já confrontado com tarefas concretas, dentro das quais deve ser escolhido aquilo que é (em cada caso) o bem (GADAMER, 1991, p. 218).

A hermenêutica gadameriana demonstra a incondicional condicionalidade do fenômeno ético. Ou seja, em história, por exemplo, em cada caso, em cada escolha, independentemente de quais teorias e métodos utilizarmos, nós “atiramos no escuro”. Apostamos nos efeitos benéficos de histórias na concretude do vivido, não tanto de um passado ausente, mas canibal, efetual. E, historiadores/as sempre constroem trabalhos já alicerçados em uma dada tradição, envoltos em dados preconceitos/prejuízos: entrelaçados com o mundo da vida. Mas, por que nos voltarmos para Platão? Primeiro, pois, a hermenêutica gadameriana é fruto de uma leitura platônico-socrática realizada por Hans-Georg Gadamer (PERINE, 2020) (ROHDEN, 2016).³⁷³ E, além disso, é a leitura gadameriana do diálogo platônico Filebo, realizada em fins da década de 1920, que nos fornece as coordenadas de uma ética hermenêutica para historiografia (GADAMER, 1991).

³⁷³ De acordo com Luiz Rohden (2016, p.14), “Gadamer [...] se autodenomina um estudioso de Platão, conforme confessou: ‘a hermenêutica e a filosofia grega foram os dois pontos básicos de meu trabalho’, e ‘Platão continuou sendo o centro dos meus estudos’. Sua volta aos gregos se deve ao fato de que ‘neles a autoconsciência não é o critério de tudo’” (GADAMER Apud ROHDEN, 2016, p. 15). Assim, “Platão e Gadamer elaboraram um modelo, uma proposta metafísica – ainda que implícita no bojo de suas obras – [E, mesmo que] nem Platão nem Gadamer escreveu uma obra sobre ética, [...] suas propostas filosóficas contêm e são marcadas por uma tradição e perspectiva metafísico-éticas” (ROHDEN, 2016, p. 14).



Partimos da seguinte tese: é necessário buscarmos por uma historiografia que faça jus a pergunta Socrática pela vida boa. E, é no Filebo que Sócrates lançou a questão: “qual o estado e a disposição da alma (*hexis kai diathesis*) capaz de fornecer a todos os homens uma vida feliz?” (PLATÃO, 2012, p. 27).³⁷⁴ O bem compartilhado, não mais o Bem dos filósofos, mas o bem na vida humana; evidências da tardia prudência socrática (BENOIT, 2007). A ética dialética de Platão começa pela abertura do que estava encerrado, o bem é humano e incondicional. E, a abertura para o bem na vida humana acompanha, de acordo com Gadamer (1991), o alargamento da noção de objetividade. A filosofia ética de Platão, portanto, mistura ontologia/henologia e metafísica ao se preocupar com a constituição da *areté* (virtude), um potencial especificamente humano de inteligibilidade e consciência do *Dasein* (Ser-o-aí) (BRAVO In: PERINE, 2009).³⁷⁵

De acordo com Gadamer (1991, p. 1-2), o diálogo Filebo “mantém uma importância central para a história e os estudos da ética antiga”. Ele parte de uma ideia ontológica geral sobre o Bem para chegar até a concretude e cotidianidade do bem na vida humana. E, por conta disso, é capaz de fornecer alguns parâmetros para a aplicação da ética hermenêutica à historiografia.³⁷⁶ Em diálogo com a tradição platônica, a ética

³⁷⁴“O Filebo, de todos os diálogos de Platão, é o que apresenta maior número de estranhezas. Ele está repleto de omissões, seus personagens são desconhecidos ou dificilmente individuáveis o lugar, o tempo e o contexto são totalmente desconhecidos. Além disso, a discussão não se conclui e o diálogo se encerra com uma frase que indica uma fase ulterior do debate, que, contudo, não se desenvolve. O diálogo concentra uma série de artifícios de redação utilizados por Platão como, por exemplo, o fato de a abertura do diálogo não coincidir com o início do confronto que está em curso, mas remeter o leitor a uma discussão já ocorrida, cujo conteúdo é acessível apenas pelo resumo feito por Sócrates logo no início” (PERINE, 2011, p. 149-150).

³⁷⁵ O diálogo Filebo trata, entre outros temas, do “bem” humano. Para Francisco Bravo (2009), ao tratar do “Bem”, o diálogo assume uma simbiose entre a ontologia e a ética. Isto, pois, de acordo com Bravo (2009, p. 167), Platão inicia o diálogo distinguindo ontologicamente os diferentes tipos de prazeres, mostrando a ineficácia de uma analogia plena entre o “prazer” e o “bem” humano. E, o Sócrates platônico estende a mesma categorização ontológica ao conceito de “conhecimento”. Em resumo: “en todos los dominios de lo real, lo uno se identifica siempre con lo múltiple y lo múltiple con lo uno” (BRAVO In PERINE, 2009, p. 167). É esta ontologia do uno-múltiplo que possibilita chamarmos o pensamento platônico do Filebo como henológico. Pensamento henológico (unificante) que, ao ser utilizado na temática do bem humano, propõe uma ética-ontológica. “A henologia difere da ontologia, pois, nesta o conceito de uno é absorvido no de ‘ente’, como um de seus predicados, enquanto que naquela o uno é origem do real, e tem como noções básicas a ideia de unidade e multiplicidade, identidade e diferença, semelhança e dessemelhança” (BRAVO In: PERINE, p. 170). “Na henologia o conceito de Ser deriva da noção de uno e é inferior a ele” (BRAVO In: PERINE, p. 170). Assim, ao contrário da República, em que o Bem-uno se situa “mais adiante da existência”, no Filebo o Ser é visto como a mescla entre uno e múltiplo, limitado e ilimitado. O que nos leva até uma ética assentada no mundo da vida, na concretude do vivido.

³⁷⁶ Como escreveu Gadamer (1991, p. 215), “Platão, no Filebo, não trata apenas do ‘bem’, mas também [e essencialmente], explicitamente, do ‘bem’ da vida humana”. Portanto, “indagação [ética] sobre o bem no fazer e ser do homem encontra o [ser-aí] Dasein humano sempre já confrontado com tarefas concretas, dentro das quais deve ser escolhido aquilo que é (em cada caso) o bem. A resposta a essa questão concreta não pode ser encontrada em uma ideia universal do bem, mesmo que tal coisa exista. Na medida em que a escolha do homem está sempre situada no concreto agora de uma situação, o agente simplesmente não pode



hermenêutica deve ser também dialética, não “apenas porque se mantém no caminho do conceito, como o princípio existencial da filosofia antiga: rumo à pura teoria, mas porque entende o ser humano como uma criatura que é ‘em passagem’, no ‘entremeio’” (GADAMER, 1991, p. 3-4). Assim, a sabedoria socrática (raiz da ética hermenêutica) não é confirmada por um crescimento progressivo (passo-a-passo), “ao contrário, a natureza da sabedoria socrática se assemelha ao isolamento e o irrepetível, como uma visão de sonho” (GADAMER, 1991, p. 4). Ou seja, a sabedoria socrática “não é algo que alguém possui e que pode confiantemente contar quando é confrontado por alguém que a disputa” (GADAMER, 2009, p. 4). Ao contrário de um ideal de Bem enquanto inacessível Totalidade, puramente teórico, Platão e Aristóteles pensam eticamente a humanidade como “transcendendo a si mesma”, não porque atinge o “bem em si”, mas porque é fundamentalmente incompleta, no “caminho” e no “entremeio” (GADAMER, 2009, p. 5). E a ética aparece, assim, como uma preocupação humana (e errante) em agir de forma correta, viver de forma boa.

O plano ético de Gadamer, se assim podemos dizer, propõe que lidar com a compreensão é lidar com o mundo, o que pressupõe a eticidade das relações. Um ver o mundo pelo próprio mundo, nos implicando em cada cena. E, se as ideias de autotransformação, autocompreensão e comunalidade da filosofia são ameaçadas pelos princípios da filosofia moderna, talvez devêssemos abandonar velhas ideias modernas e retomar novas ideias antigas (ou buscar por ideias contra/pós/de/moderno-coloniais) éticas socrático-platônicas, por exemplo. Afinal, a mistura (entre prazer e conhecimento) de que trata Platão no Filebo, não é feita só nos arquivos documentais, em gabinetes de pesquisa; a mistura é feita no mundo da vida, em experiências que constituem nosso “ser-o-ai”.

Considerações Finais

Neste texto buscamos apresentar as implicações de uma ética hermenêutica gadameriana para historiografia. Alocamos nossa discussão no recente giro ético-político da historiografia, e partimos para uma exposição da nossa leitura da compreensão gadameriana. Apresentamos também a leitura gadameriana do diálogo platônico Filebo, que fornece as bases para uma ética hermenêutica historiográfica. Como conclusão de

ser dispensado por uma ciência (que se restringe necessariamente às relações existenciais gerais e invariáveis) da escolha do que é em cada caso o bem” (GADAMER, 1991, p. 216).



nosso estudo, basta sugerir caminhos de aplicação da ética hermenêutica para historiografia. Como é o caso do recente livro “Irmandade de Nossa Senhora do Rozario e São Benedito dos Pretos da Caxoeira (do Sul – RS): (in)visibilidade negra, devoção, memória e as artes da resistência”, que apresenta os resultados de uma extensa investigação em arquivos, em forma de transcrições paleográficas integrais de documentos do século XIX, e que possibilita a união de pesquisa histórica, teoria e ensino de história, com vistas a autotransformação, autocompreensão e a comunalidade do pensamento histórico (PACHECO; HAACK; MOREIRA, 2020), (PACHECO, 2022).

As Irmandades Leigas são instituições milenares, transoceânicas e diaspóricas. No território transatlântico brasileiro, o fenômeno confrarial, desde o século XVI moveu devoções, cuidados e identidades étnico-raciais localizadas (SOUZA, 2000) (SOARES, 2001). A presença confrarial, materializada em Igrejas, Imagens, Consistórios, Cemitérios e outras construções, livros, correspondências e outros manuscritos, atesta que, durante os séculos XVII e XIX, a criação de irmandades leigas acompanhou e impulsionou movimentos populacionais diversos; travessias, expansões, tráficos, diásporas e migrações. Um olhar ético-hermenêutico e historiográfico evoca a intuição de que os vestígios e as presenças das irmandades leigas (para-além-de-objetos), no passado e na contemporaneidade, nos convidam a refletir e praticar os “saberes das irmandades”, ou episteme confrarial. A ética-hermenêutica, portanto, rompe com as naturalizadas práticas e métodos da moderna disciplina da história: de objetificação e disciplinarização dos passados e presenças. A ética-hermenêutica aplicada a historiografia convida, o que antes era “objeto”, os arquivos confrariais, por exemplo, a sentar na mesa dos “sujeitos” e compartilhar o pão do “saber histórico”. Tornar-se companheiro/a e companhia dos saberes e práticas praticados pelas irmandades leigas, que valorizam o viver-junto, a comunalidade, o cuidado e a devoção, é um possível caminho de ensino/aprendizagem da ética-hermenêutica historiográfica. Assim, na imprevisibilidade do instante ético hermenêutico, é possível praticar um olhar (ou teoria) confrarial aplicado às disciplinas da área das humanidades. Em elaborações de ferramentas de ensino antirracista transdisciplinar, por exemplo, (transliterar) os *archivos* das irmandades leigas em ferramentas de ensino para as práticas de vida antirracista e confrarial, o que envolve repensar o ensino e didática da história e da educação (RAMOS, 1995), (REVEL org., 1998), (GOMES, 2019), (LEVI, 2019). Pensar de maneira ética-política hermenêutica nas produções das irmandades leigas enquanto ferramentas para o ensino antirracista promove reflexões sobre o que é a consciência “histórica” e o seu



ensino/conhecimento (GADAMER, 2003) (CERRI, 2012) (FERREIRA; OLIVEIRA orgs., 2019) (hooks, 2019) (RAMOS, 1995) (GOMES, 2019) (SPIVAK, 2010) (SCHUCMAN, 2015). Assim, a abordagem ético-política e hermenêutica da história que apresentamos se cristaliza e sintetiza em uma preocupação de “transliteração”. Como elaborar uma boa forma de transpor o saber “sábio”, da historiografia acadêmica, para o saber “ainda mais sábio”, da sala de aula do ensino básico, como espaço transformativo e efetual, onde a história “se faz”? (GADAMER, 2003), (FERREIRA; OLIVEIRA orgs., 2019).

A ideia mais geral deste artigo, em resumo, é a de que a prudência e a abertura transformativa dos saberes “históricos” perpassados pela ética-política hermenêutica fazem referência a situacionalidade, que não é exatamente a presença ou realidade, pura consciência, mas o resultado de uma tradição, de prejuízos e preconceitos, nos termos éticos hermenêuticos, que preestabelecem uma forma de situacionalidade (contemporaneidade) de ser-aí no mundo. A ética hermenêutica, por fim, em sua aposta na constituição aberta, errante, no “entre-meio” do “ser-aí” humano, nos remete ao poema “*Archaischer Torso Apollos*” de Rilke, traduzido por Manuel Bandeira:

“Não sabemos como era a cabeça, que falta,
De pupilas amadurecidas, porém
O torso arde ainda como um candelabro e tem,
Só que meio apagada, a luz do olhar, que salta

E brilha. Se não fosse assim, a curva rara
Do peito não deslumbraria, nem achar
Caminho poderia um sorriso e baixar
Da anca suave ao centro onde o sexo se alteara.

Não fosse assim, seria essa estátua uma mera
Pedra, um desfigurado mármore, e nem já
Resplandecera mais como pele de fera.

Seus limites não transporia desmedida
Como uma estrela; pois ali ponto não há
Que não te mire. Força é mudares de vida”.

Data de Submissão: 07/03/2022

Data de Aceite: 11/06/2022

Referências Bibliográficas

ALVES, Clarissa L. S. **Operações historiográficas em Arquivos?** Uma análise sobre o ofício de historiadoras e historiadores em arquivos públicos estaduais brasileiros na atualidade. Porto Alegre: UFRGS (mestrado em História), 2019.



ANKERSMIT, Frank. **Historia y Tropologia**. Ascenso y caída de la metáfora. México: FCE, 2004.

BEARD, Charles. Aquele sonho nobre In: MALERBA, Jurandir [org.]. **Lições de História**. Da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX. Porto Alegre: FGV, 2013. pp. 338-355.

BECKER, Carl. O homem comum é seu próprio historiador. In: MALERBA, Jurandir [org.]. **Lições de História**. Da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX. Porto Alegre: FGV, 2013 pp. 367-385.

BENOIT, Hector. “A tardia prudência socrática no Filebo”. In BENOIT, Hector. **Estudos sobre o diálogo Filebo de Platão**. A procura da eudaimonia. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007, p. 199-221.

BERNEHEIM, Ernst. **Introdução à Ciência histórica**. Vitória: Editora Milfontes, 2021.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRAVO, Francisco. “Ontología y Ética en el Philebo de Platón”. In **Estudios platônicos**; Sobre o ser e o aparecer; o belo e o bem. Org. Marcelo Perine São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 167-192.

CALDAS, Pedro S. P. Hans-Georg Gadamer e a tradição. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 3, n. 4, p. 327–335, 2010.

CARR, Edward. **Que é história?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

CARDOSO, Lourenço Bento. **O branco ante a rebeldia do desejo**. Um estudo sobre branquitude no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). São Paulo: UNESP, 2014.

CERRI, Luis F. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

CHLADENIUS, Johan M. **Princípios gerais da ciência histórica**. São Paulo: Editora Unicamp, 2013.

CÔRTEZ, Norma. Descaminhos do método: notas sobre história e tradição em Hans-Georg Gadamer **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p.274-290, 2006.

DOSSE, François. **O Império do Sentido**. A humanização das ciências humanas. São Paulo: Unesp, 2018.

FERREIRA, Marieta; OLIVEIRA, Margarida orgs. **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV, 2019

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.



GADAMER, Hans-Georg. **Plato's Dialectical Ethics**. Phenomenological Interpretations Relating to the Philebus. New Haven and London: Yale University Press, 1991.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GERVINUS, Georg G. **Fundamentos de Teoria da História**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

GOMES, Nilma L. **O movimento Negro educador**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

GJESDAL, Kristin. "Davidson and Gadamer on Plato's Dialectical Ethics" In MACHAMER, Peter; WOLTERS, George [orgs.] **Interpretation; Ways of Thinking about the Sciences and the Arts**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2010, p. 66-90.

HARTOG, François. **Evidência da história**. O que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HEMPEL, C. G. A função das leis gerais em História. In: GARDINER, P. (org.). **Teorias da história**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, p. 421-435.

HEYMANN, Luciana. NEDEL, Letícia (orgs.). **Pensar os arquivos**. Uma antologia. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

HOLLANDA, Heloisa B. **Pensamento feminista**. Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

JENKINS, Keith. **A História Refigurada**. São Paulo: Contexto, 2014.

KOSELLECK, R.; GADAMER, H-G. **Historia y hermenêutica**. Barcelona: Paidós, 1997.

KOSSELECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KUUKKANEN, Jouni-M org. **Philosophy of History**. Twenty-First-Century Perspectives. London: Bloomsbury, 2021.

LANGLOIS, Charles; SEIGNOBOS, Charles. **Introdução aos estudos históricos**. Curitiba: Patota Livros, 2017.

LEVI, Giovanni. **Microhistorias**. Bogotá: Ediciones Uniandes, 2019.

MALERBA, J. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 7, n. 15, p. 27–50, 2014.



MARCELINO, Douglas. A. Descobrir, desapossar: ensaio sobre Michel de Certeau e o lugar da ética na teoria e na historiografia. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 45–72, 2021.

MARTINS, Estevão R. org. **A história pensada**. Teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2011.

MUNSLOW, Alun. **Desconstruindo a história**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

PACHECO, Henrique. et al. **Irmandade de Nossa Senhora do Rozario e São Benedito dos Pretos da Caxoeira (do Sul – RS)**: (in)visibilidade negra, devoção, memória e artes da resistência. São Leopoldo: Oikos, 2020.

PACHECO, Henrique M. O "Livro de Entrada de Irmãos da Irmandade de N. Sra. do Rozario dos Pretos da Freguesia da Caxoeira" – RS, séc. XIX. In: GUILHERME, Willian D. (org.). **História e as práticas de presentificação e representação do passado**. Ponta Grossa: Atena, 2020. p. 98 – 113

PACHECO, Henrique M. **As cores da devoção**: um trabalho histórico relacional com as irmandades leigas da Vila da Cachoeira (do Sul – RS, séc. XIX). Dissertação (Mestrado em História). São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2022.

PEREIRA, Luísa R. **A História e “o diálogo que somos”**: a historiografia de Reinhart Koselleck e a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer. Rio de Janeiro: PUC-Rio (mestrado em História), 2004.

PEREIRA, Viviane M. **Hermenêutica, ética e diálogo** – Gadamer e a releitura da filosofia prática de Platão e Aristóteles. Porto Alegre: PUC-RS (doutorado em Filosofia), 2015.

PERINE, Marcelo. “O FILEBO DE PLATÃO E AS DOCTRINAS NÃO ESCRITAS”. In **“Educação e Filosofia Uberlândia”**, v. 25, n. 49, p. 149-171, jan./jun. 2011.

PERINE, Marcelo. Entre ética e dialética: defronte a Platão e Gadamer. *Filosofia Unisinos*. **Unisinos Journal of Philosophy**, São Leopoldo, v. 21 n. 2 pp. 146-152, 2020.

PLATÃO. **Filebo**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2012.

RANGEL, M. de M. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v. 13, n. 25, p. 27-46, jul./dez. 2019.

RANGEL, M. de M.; DE ARAUJO, V. L. Apresentação - Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 8, n. 17, 2015.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.



REVEL, Jacques org. **Jogos de escala e experiências de microanálise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

RICCOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. 3 vols. São Paulo: WMF, 2010.

ROHDEN, Luis. Pressupostos e implicações éticas da metafísica dialética na Carta Sétima de Platão. **Revista Archai**, núm. 17, pp. 13-35, 2016.

SCHIMIDT, Dennis. Hermeneutics as Original Ethics. In: SHIMIDT, Dennis; SHANNON, Sulivan. **Difficulties of ethical life**. Fordham University Press, 2008. p. 35-51.

SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da Cor**. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**. História da festa de coroação de Rei Congo. Minas Gerais: Editora UFMG, 2002.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**. Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado em Psicologia) – São Paulo, Universidade de São Paulo: USP, 2012.

SPIEGAL, Gabrielle [org.]. **Practicing History: New Directions in Historical Writing After the Linguistic Turn**. New York and London: Routledge, 2005.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o Subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VOIGT, André. Há um "giro ético-político" na história? **Revista Expedições: Teoria da História e Historiografia** Revista Expedições: Teoria da História e Historiografia. Volume 6, núm. 1, pp. 109-120, 2015.

WHITE, Hayden. **Meta-História**. A imaginação histórica do século XIX. São Paulo: EDUSP, 1991.

WHITE, Hayden. **Ficción histórica, historia ficcional y realidade histórica**. Buenos Aires: Prometeo, 2010.